

TICS: RESISTÊNCIA DAS MULHERES NEGRAS

ICTS: Black women's resistance

Thais Pereira da Silva

Resumo: As Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) trouxeram várias transformações para a sociedade nas últimas décadas. As mudanças mais relevantes para a pesquisa estão relacionadas às identidades culturais e às formas de organização e mobilização social das classes subalternas e movimentos sociais, e principalmente, a produção e disseminação de informação –conteúdo simbólico – pelos grupos excluídos das narrativas das mídias hegemônicas como as mulheres negras. É crescente a consciência entre o grupo que a atual ordem mundial – mundo globalizado impulsionado pelas TICs – requer novas formas de atuação contra o racismo, o machismo e a exploração de classe. Neste sentido, a proposta da pesquisa é analisar quais são as estratégias utilizadas pelas mulheres negras brasileiras para desconstruir o discurso racializado, sexista e classista, com a apropriação das TICs. Partir-se-á da análise do site Blogueiras Negras e iniciativas que têm que qualificam mulheres negras para o desenvolvimento de novas tecnologias. Os principais autores utilizados na pesquisa bibliográfica são Stuart Hall, bell hooks, Sueli Carneiro.

Palavras-chave: Mulheres negras. Redes digitais. Tecnologias da Informação e Comunicação.

Abstract: Information and Communication Technologies (ICTs) have brought many transformations to society in recent decades. The most relevant changes to this research are related to cultural identities and to the forms of organization and social mobilization of subaltern classes and social movements, and especially, the production and dissemination of information - symbolic content - by groups excluded from the narratives of hegemonic media such as black women. There is growing awareness among the black women that the current world order - globalized world driven by ICTs - requires new forms of action against racism, male chauvinism and class exploitation. In this sense, the research proposal is to analyze the strategies used by Brazilian black women to deconstruct racialized, sexist and classist discourse, with the appropriation of ICTs. It will start from the analysis of the website Blogueiras Negras and initiatives that have to qualify black women for the development of new technologies. The main authors used in the bibliographic research are Stuart Hall, bell hooks, Sueli Carneiro.

Keywords: Black woman. Information and Communication Technologies. Social networks.

1 Introdução

A presente pesquisa tem por objetivo analisar a apropriação (como uso) das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) pelas mulheres negras, como estratégia para a resistência e emancipação do grupo.

As TICs trouxeram inúmeras transformações para a sociedade, entre elas estão a conexão entre pessoas do mundo inteiro e a “possibilidade de expressão” individual ou coletiva, principalmente, dos grupos excluídos das narrativas das mídias hegemônicas, como as mulheres negras. (RECUERO, 2014; ALAKIJA, 2012).

Nesta perspectiva, compreende-se que as novas tecnologias têm papel primordial na disseminação de informação - conteúdo simbólico - local e global; na criação de uma rede de comunicação interligando culturas e identidades de vários países e, principalmente, na construção de subjetividades - a produção do sentido do discurso. (ALMEIDA, 2014; HALL, 2016).

Por que as mulheres negras? As mulheres representam a maior parcela da população brasileira com aproximadamente 56 milhões¹. Contudo, as mulheres negras estão na base inferior da pirâmide no mercado trabalho e na condição de vida que qualquer outro grupo no Brasil.

A feminista negra estadunidense bell hooks (2015) argumenta que as mulheres negras estão coletivamente na base inferior no mercado de trabalho e na condição de vida – formação acadêmica, por exemplo - de qualquer outro grupo. Por isso, a luta das mulheres negras tem que articular raça, gênero e classe social. “É essencial para a continuação da luta feminista que as mulheres negras reconheçam o ponto de vista especial que a nossa marginalidade nos dá (...) para criticar a hegemonia racista, classista e sexista dominante e criar uma contra-hegemonia”. (HOOKS, 2015, p.208).

2 Representação da mulher negra

Compreende-se que raça e gênero são construções sociais - discursos - que justificam as diferenças sociais e econômicas de um grupo, a partir de distinções biológicas. (HALL, 2003).

É no discurso que o sentido - o conhecimento- é produzido. “Foucault argumenta que, uma vez que só podemos ter conhecimento das coisas se elas tiverem sentido, é o discurso – não as coisas por elas mesmas – que produz conhecimento”. (HALL, 2016).

O discurso racializado relaciona a população negra a tudo que é instintivo, tudo ligado à natureza, como a emoção e falta de intelecto. “Tal ponto de vista era justificado pelas evidências ditas científicas e etnológicas, com base em um novo tipo de ‘racismo científico’”. (HALL, 2016, p. 168).

¹ Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD). Disponível em <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98887>> Acesso em 10 jun 2017.

Além da sexualidade, as mulheres negras são frequentemente representadas como a doméstica ou a mãe preta (GONZALES, 1984). “É ao que tudo indica é desse repertório que a mídia se abastece. O quadro comum de referências sobre a mulher negra oscila, então, da figura sexualmente atrativa ou do sujeito talhado para o trabalho”. (BORGES, 2012, p. 196)

Embora afirme que “tomada de consciência da opressão acontece, antes de tudo, pelo racial” (GONZALES apud BARROS, 2000 apud CARNEIRO, 2003), Carneiro considera relevante articular às questões de raça e de gênero. “Os homens negros podem ser vitimados pelo racismo, mas o sexismo lhes permite atuar como opressores das mulheres. As mulheres brancas podem ser vitimizadas pelo sexismo, mas o racismo lhes permite atuar como opressoras de pessoas negras”. (HOOKS, 2015, p. 208). Para Hooks (2015), a luta do movimento feminista tem que ter uma perspectiva diferente da ideologia do “individualismo liberal” e precisa estar conectada com a luta de classes.

2.1 TICs e as mulheres negras

É crescente a consciência entre as mulheres negras que a atual ordem mundial – mundo globalizado impulsionado pelas TICs – requer novas formas de atuação contra o racismo e machismo. A apropriação das mídias digitais é vista como estratégia de resistência, luta e emancipação, pois a produção de conteúdo – informações – pode ser alternativa para desconstruir o discurso racializado e aprofundar a discussão sobre a história e a cultura afro-brasileira, o racismo, a violência contra a mulher negra, entre outras pautas relevantes à comunidade. (CARNEIRO, 2003; ALAKIJA, 2012). “As emergentes afromídias ou mídias afros são exemplos de mídia social contemporânea de identidade como resultado da fusão de várias tecnologias e tendo principalmente a internet para difundir suas mensagens (como sites, blogs, seguidores twitters, etc.)” (ALAKIJA, 2012, p. 140).

Em outras palavras, a internet propicia que as mulheres negras, por exemplo, encontrem-se, organizem-se e mobilizem-se a partir de um território, o da identidade, ou melhor, das identidades. Além disso, a ferramenta permite que a escrita se transforme em ato político, contribuindo para que a mulher negra possa construir sua própria narrativa e história, desconstruir o discurso racista, sexista e classista e a criar imagens positivas do grupo.

Por um lado, as mulheres negras compartilham em suas comunidades, por exemplo, histórias de heroínas na luta pela libertação dos escravos, como Dandara dos Palmares, Luisa

de Mahín, Anastácia, Teresa de Bengala, entre outras.² Enquanto a luta dessas mulheres por muito tempo foi desconhecida, a história brasileira (numa visão eurocêntrica) exaltou a princesa Isabel, responsável pela assinatura da Lei Áurea em 13 de maio de 1888, que se tornou símbolo da abolição da escravidão brasileira. Por outro, propagam textos e vídeos traços da cultura africana e afro-brasileira³ que resistiram à colonização epistêmica⁴ ou confrontam os estereótipos⁵ associados ao grupo no país.

No contexto do feminismo negro (articulando raça, gênero e classe social), alguns artigos escritos pelas mulheres negras e divulgado nas Blogueiras Negras e Geledés questionam as bases do capitalismo e a exploração de classe.⁶

3 Considerações Finais

As mulheres negras brasileiras encontram-se na base inferior da pirâmide de condição de vida, suportando as opressões racistas, sexistas e classistas. Apesar de ser a maior parcela – em números – da população do Brasil, o grupo enfrenta dificuldades para ingressar no mercado de trabalho, ocupar cargos de chefia, acessar as universidades, e principalmente é o mais vitimado pela violência de gênero.

As TICs transformaram vários aspectos da vida social dos indivíduos nas últimas décadas. Porém, as mudanças mais relevantes neste trabalho são as relacionadas às identidades culturais e às formas de organização, mobilização social e disseminação de informação – conteúdo simbólico.

Neste sentido, as novas tecnologias têm sido apropriadas (uso) pelas classes subalternas, entre elas as mulheres negras, como tática para a resistência e emancipação. Proliferam-se na internet blogs, sites e redes sociais digitais criadas pelas mulheres negras, como o Blogueiras Negras e o portal Geledés, para a desconstrução do discurso racista, sexista e classista e a criação de identidades (no plural) positivas sobre o grupo.

² Texto de Patrícia Gonçalves. Disponível em < <https://www.geledes.org.br/17-mulheres-negras-brasileiras-que-lutaram-contras-escravidao/#gs.6JBq53Y>> Acesso em 10 jun 2017

³ Texto de Amanda Cabral. Disponível em < <http://blogueirasnegras.org/2015/09/08/no-rufar-do-tambor/>> Acesso em 6 jun 2016.

⁴ Texto de Giovana Xavier. Disponível em < <http://blogueirasnegras.org/2017/07/03/intelectuais-negras-visiveis-uma-nacao-linda-e-preta/>> Acesso em 3 jul 2017.

⁵ Texto de Cleidiana Ramos. Disponível em < <https://www.geledes.org.br/debret-racismo-e-o-estereotipo-de-princesas-se-conectam-nas-curvas-do-sexismo/#gs.J=FlknI>> Acesso em 12 nov 2016.

⁶ Texto de Antonia Gabriela Pereira. Disponível em < <http://blogueirasnegras.org/2016/07/13/os-privilegiados-tem-cor-classe-genero-e-endereco-certo-as-mulheres-negras-pobres-tem-que-resistir-e-lutar-24h-por-dia-pois-nao-estao-em-nenhum-desses-lugares-de-privilegios/>> Acesso em 10 jul 2017.

Referências

ALAKIJA, Ana. Mídia e Identidade Negra. In. **Mídia e Racismo**. Orgs. Roberto Carlos da Silva Borges e Rosane Borges. Petrópolis, 2012. P. 108- 154 Disponível em <<http://www.abpn.org.br/novo/attachments/article/92/M%C3%ADdia%20e%20Racismo.pdf>> Acesso em 20 jul. 2016.

ALMEIDA, Marco Antônio de. Mediação e mediadores nos fluxos tecnoculturais contemporâneos. **Informação & Informação**, v. 19, n. 2, p. 191-214, out. 2014. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/20000>> Acesso em: 15 jun. 2016.

BORGES, Rosane. Mídia e Identidade Negra. In. **Mídia e Racismo**. Orgs. Roberto Carlos da Silva Borges e Rosane Borges. Petrópolis, 2012. P. 180-206 Disponível em <<http://www.abpn.org.br/novo/attachments/article/92/M%C3%ADdia%20e%20Racismo.pdf>> Acesso em 20 jul. 2016.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 117-133, dez. 2003. ISSN 1806-9592. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9948/11520>> Acesso em: 10 ago. 2016.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2015.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. In: SILVA, L. A. et al. Movimentos sociais urbanos, minorias e outros estudos. Ciências Sociais Hoje, Brasília, ANPOCS n. 2, p. 223-244, 1983.

HALL, Stuart. **Da Diáspora. Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Humanitas, 2003.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

_____. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Editora Puc Rio, 2016.

HOOKS, Bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. In **Rev. Bras. Ciênc. Polít.** 2015, n.16 pp. 193-210 Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522015000200193&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 10 ago. 2016

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre, Sulina, 2009.

Sobre a autora

Thaís Pereira da Silva

Formada em Jornalismo e atua como Gerente de Mídias Sociais. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação pela ECA/USP.